

Aporias da tradução entre filosofia e poesia: data, repetição e comemoração na poética de Paul Celan, lida por Jacques Derrida

Aporias of translation between
philosophy and poetry; date, repetition
and commemoration in Paul Celan's
poetics read by Jacques Derrida

Luiz Fernando Medeiros de Carvalho
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Serge Margel
Universidade de Brasília (UNB)

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e87734>

Resumo

Este artigo é um primeiro gesto de interpretação do pensamento do filósofo Jacques Derrida em torno do caráter irrepitível do acontecimento “data” e de sua natureza paradoxal, na medida em que ele se destina a ser comemorado, e, portanto, repetido. O filósofo Jacques Derrida desdobra seu pensamento a partir da interpretação e da tradução que empreende da obra de Paul Celan.

Palavras-chave: Tradução; Repetição; Data; Celan; Derrida.

Résumé

Cette article est un premier geste d’interprétation de la pensée de Jacques Derrida autour du phénomène de l’irrépétabilité de la date et de la nature paradoxale de son événement, en tant qu’elle se destine à être commémorée, et par conséquent à être répétée. Jacques Derrida dédouble sa pensée à partir de l’interprétation et de la traduction de l’œuvre de Paul Celan.

Mots-clés: Traduction; Répétition; Date; Celan; Derrida.

O propósito deste artigo é verificar, a partir do livro *Schibboleth*, de Jacques Derrida, publicado em 1986, como o modo que ele traduz a poesia de Paul Celan lida com os paradoxos relacionados à elaboração dos poemas e de sua tradução para a atualidade da língua de chegada. E, também, como se formula o paradoxo entre legibilidade, visibilidade e ilegibilidade presente na inscrição do acontecimento-poema, enquanto entidade concebida por Celan como singularidade surgida apenas uma vez (*einmal/une fois*). O tempo pensado por Derrida, nessa obra, implica uma relação entre traduzir e sobreviver, um singular entendimento do conceito de *Fortleben*, enquanto continuação de vida mais que vida *post-mortem*. O original doa-se modificando-se. Ele vive e sobrevive em mutação. E na sua dimensão sobrevivente, o original se modifica.

Muitas vezes ocorre, na aproximação ao poema promovida pela linguagem filosófica, a tentação de uma apropriação do corpo da língua, para reassumir o poder de dizer o poema a partir de conceitos, - o que quase sempre gerou uma certa tensão entre linguagens ou algum tipo de desconfiança.

A desconfiança é um conceito filosófico. Desconfiar da filosofia constitui o ato de nascimento do próprio discurso filosófico. Da mesma forma que o filosófico desconfia das fábulas poéticas, como Platão diante de Homero, assim também o poético desconfia dos conceitos filosóficos. Para ler filosoficamente um poema, como Celan lê a dramaturgia de Büchner, como Derrida lê Celan, não é suficiente reduzir essa desconfiança, eliminar ou resgatar uma confiança ingênua no poema, mas pensar junto com essa desconfiança. Inscrever essa desconfiança no coração do discurso, como uma suspensão cética do discurso ou como aquilo que suspende o julgamento e sua interpretação. A desconfiança filosófica enquanto tal representa uma

suspensão hermenêutica do discurso, que permite aproximar o poema sem reduzi-lo a conceitos, ou de acessá-lo como por um efeito de tradução. Desde as primeiras páginas de seu livro *Schibboleth*, Derrida fala de uma *passage de la traduction*, que ele relaciona ao *souci de lecture*, a uma prudência diante do texto de Celan. Como um observador atento e desconfiado, Derrida quer não somente escutar e traduzir aquilo que Celan diz sobre uma data, mas ele se interessa sobretudo em observar como Celan se entrega ele próprio à datação:

Mon premier souci ne sera pas de parler de la date en général, mais plutôt d'écouter ce qu'en dit Paul Celan. Mieux, de le regarder se livrer à l'inscription d'invisibles dates, illisibles peut-être : anniversaires, anneaux, constellations et répétitions d'événements singuliers, uniques, *irrépétibles* : « *unwiederholbar* », c'est son mot. Comment dater ce qui ne se répète pas si la datation fait aussi appel à quelque forme de retour, si elle rappelle dans la lisibilité d'une répétition? mais comment dater autre chose que cela même qui jamais ne se répète?¹

Tal desconfiança é uma inquietação de leitura que implica o texto de Celan que comparece na obra de Celan, mas que concerne também a uma atenção (*Auflmerksamkeit*) de que fala Celan ao citar Benjamin, o qual por sua vez cita a célebre frase de Malebranche : “A atenção é a prece natural da alma”. Uma atenção poética que abre o poema ao diálogo, ainda que seja um diálogo interrompido, desesperado:

A atenção que o poema tenta dedicar a todos que encontra, seu sentido mais aguçado para o detalhe, para o esboço, para a estrutura, cor, mas também para as ‘comoções’ e ‘alusões’, tudo isso não é, creio, uma conquista do olho que rivaliza (ou corrivaliza) diariamente com o aparato cada vez mais perfeito, mas uma forma de concentração que sabe todos os nossos dados. ‘A atenção’ - permitam-me aqui, a partir do ensaio ‘Kafka’, de Walter Benjamin, citar Malebranche - ‘a atenção é a oração natural da alma’².

1 DERRIDA, Jacques. *Schibboleth*, 1986, p. 13.

2 CELAN, Paul. *Cristal*, 2011, p. 179.

A desconfiança é uma atenção que representa a um só tempo a tarefa do poema e a tarefa do tradutor. E o verbo alemão é muito forte. *Widmen* quer dizer consagrar, se consagrar, se devotar, doar-se inteiramente, às vezes dedicar. Ser atento, para com o poema, é consagrar-se àquilo que chega. A atenção representa a vocação do poema, sua prece, sua voz ou o seu sopro - e a questão do sopro atravessa o discurso de “O meridiano” (*Der Meridian*), e também toda a poesia de Celan. Em suma, a atenção do poema é seu diálogo, como se pode ler sobretudo numa carta de Celan endereçada a René Char, de 22 de março de 1962:

Voyez-vous, j'ai toujours essayé de vous *comprendre*, de vous *répondre*, de serrer votre parole comme on serre une main; et c'était, bien entendu, *ma* main qui serrait la *vôtre*, là où elle était sûre de ne pas manquer la rencontre. Pour ce qui, dans votre œuvre, ne s'ouvrait pas – ou pas encore – à ma compréhension, j'ai répondu par le respect et par l'attente: on ne peut jamais prétendre à saisir entièrement –: ce serait l'irrespect devant l'Inconnu qui habite – ou vient habiter – le poète; ce serait oublier que la poésie, cela se respire: oublier que la poésie vous aspire. (Mais ce souffle, ce rythme – d'où nous vivent-il ?) La pensée – muette – et c'est encore la parole, organise cette respiration; critique, elle s'agglomère dans les intervalles: elle discerne, elle ne juge pas; elle se décide; elle choisit: elle garde sa sympathie – elle obéit à *la* sympathie.³

Comprender, responder, esperar, ser atento e desconfiar, é uma questão de sopro, de ritmo, de respiração cortada ou de diálogo interrompido. Celan fala de um *tournant du souffle*: “Poesia: isto pode significar um ar reverso. Quem sabe se talvez a poesia não faça esse caminho – e de toda a arte - para se chegar a um tal ar reverso?”⁴. *Tournant du souffle* ou *Atemwende*, é o título de uma obra publicada em 1967, mas também um momento de ruptura, no discurso, na interrupção diante do desespero

3 Paul Celan *apud* TAMASSIA, Paolo, “Paul Celan, René Char, Correspondance 1954-1968, suivie de la Correspondance René Char – Gisèle Celan-Lestrange (1969-1977)”.

4 *Ibidem*.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

no interior do diálogo, de passagem na tradução. Este sopro cortado que se suspende ou se inverte, concerne a tudo aquilo que se data no poema e que data o poema propriamente — cuja datação se traduz em poema. Celan o descreve como “[...] a tentativa mais marcante para se guardar a memória de tais datas”⁵. Retenhamos a atenção poética como protocolo de leitura e de tradução. Inscrevamos esta atenção poética no coração da desconfiança filosófica. E Derrida insiste. O que conta na leitura do *Der Meridian* é não opor o discurso teórico sobre o fenômeno da data a uma “obra poética da datação”⁶. Não é preciso separar o discurso poético sobre a data e a obra poética da datação. Não é preciso dividir pensamento e poesia da data. Toda atenção aí comparece, atravessando o jogo filosófico da desconfiança, na datação, na concentração, “[...] reunificando a memória de todas as datas”⁷. Em *Schibboleth*, Derrida avança uma hipótese geral sobre a data que vale também para a tarefa da tradução. Por um lado, somente se data o único, o não repetível, o insubstituível, aquilo que só aconteceu uma única vez. Mas, por outro lado, ao datar-se o insubstituível, ao marcar-se o singular, o único poderá ser repetido na sua singularidade absoluta. Uma hipótese que faz da data um espectro ou um fantasma:

Une date est un spectre. Mais cette revenance du retour impossible se marque *dans* la date, elle se scelle ou spécifie dans l’anneau anniversaire assuré par le code. Par exemple par le calendrier.⁸

O irrepetível (*unwiederholbar*) manifesta-se paradoxalmente através de acontecimentos singulares que ocorrem uma única vez e que, no entanto, retornam.

Retornam na impossível “restância” como fantasmas dessa fixação, já

5 *Ibidem.*

6 *Ibidem.*

7 *Ibidem.*

8 DERRIDA, Jacques. *Schibboleth*, 1986, p. 37.

modificados ou alterados pela iterabilidade da abertura ao instante.

Como constatar uma singularidade irrepetível no seu surgimento como marca histórica do que ocorre “uma só vez” e que, ao mesmo tempo, no correr do tempo, repete-se como data, ou seja, como reinscrição de uma singularidade que agora é outra vez, pela volta do tempo que possibilita o retorno pela repetição e que é espectro enquanto diversidade de acontecer de novo.

Derrida pergunta como se dá o intrincado paradoxo do cada-vez-uma-única-vez, em passagem de *Schibboleth*⁹.

Fazer essa pergunta já é retomar ou se aproximar de uma tradição que busca a definição, a circunscrição das características do ente ou do objeto a ser definido. Objeto a se tornar distinto de outro, um ente tornado distinto de outro ente. A infinita procura filosófica de estabelecer limites para circunscrever um campo, e torná-lo distinto, apreensível, dominado, controlado.

Paradoxalmente, singularidade implica a promessa de uma repetição.

E uma promessa pode ser interrompida.

Na teoria derridiana da promessa não há compromisso com o pensamento da completude de um anúncio prometedor. A promessa é uma doação aporética de singularidade.

Uma volta não é o retorno a uma completude apaziguadora, um percurso do ciclo para o reencontro com uma origem datada, circunscrita como faz a canção no seu retorno como estrofe, na repetição anafórica e na confirmação pelo refrão.

Uma volta não é a contemplação da similitude, da parecença, do encontro litúrgico com o mesmo, com o mesmo ar que se respirava.

A memória do uma vez escava a diferença. Há o rastro. Há a hiância. Há errância. Ou seja, de novo e sempre, a incompletude.

9 *Ibidem*, p. 26.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Uma volta é para além, no lugar entre de uma repetição. No irrepitível entre. Interessar-se é estar em meio ao entre.

No entre de uma ponte. Uma ponte não é só o lugar entre um ponto e outro, uma margem e outra. Nem só o ponto no meio do qual uma personagem encontra seu *point*, o seu *punctum*.

Uma ponte pode ser muitas pontes. Muitas pontes suplementadas na marca inicial. Pensamos que Derrida se cola aqui ao pensamento do último Heidegger de *Was heisst Denken* e nos Ensaios e Conferências para propor esse suplemento, esse enxerto, essa prótese-ponte.

Tal como um boxeador que estuda o corpo do adversário para encontrar a brecha, Derrida estuda o *corpus* de Heidegger, traz para perto esse *corpus* e o relança na elipse, na errância do jogo. Fazendo esse procedimento, está apto também a pensar a questão da elipse em Paul Celan.

Paul Celan não se entrega ao retorno como origem.

O seu conceito de Meridiano o relança no jogo.

Em “O Meridiano”, Paul Celan demonstra como a poesia faz a experiência da travessia para um mais além, inapropriável, não passível de apropriação binária, antes ou depois, nem arcaica buscando um retorno às origens de uma transcendência.

Ele afirma que a experiência do poético é singular e marcada pela solidão.

Como compreender essa afirmação?

Essa afirmação se realiza de modo paradoxal mostrando que o traço riscado pelo poema se lança na estrada, sulcando a errância do seu trajeto, correndo todos os riscos.

Celan por assim dizer descripta a obra de Büchner. Como leitor opera uma tradução e um transporte para o presente de um texto que estava em sua tumba temporal, no esquecimento, ameaçado pelo fechamento da memória em sua caverna.

A operação de leitura descripta a obra e a torna legível. Ela se tornara ilegível, ao se fechar em sua caverna.

Celan escreve que a poesia dá acesso ao irrepetível de uma experiência e somente será revivível no impossível da experiência da tradução. A experiência de fazer uma marca na estrada errante e desértica é solitária no sentido do só uma vez.

Pelo ato da circuncisão começa Derrida um livro para compreender Celan. Prender e soltar, *livrer* e *delivrer* essa memória, esse fazer, essa experiência do corte dos versos e da infinita fragmentação iterável do um, condição para doar a leitura a alguém e se criar a hospitalidade aos versos, em versos, numa recepção impossível da errância produtiva da poesia de Celan.

Uma volta é o movimento chegante mais uma vez para relançar ao devir novos sinais que seguem algum caminho. Assim é o ato de leitura.

O poema segue sua estrada como marca incisiva talhada numa abertura para fora e para além de toda apropriação. Nas paragens do poético, o limite instituído pela tradição filosófica se desfaz.

Derrida enfrenta essa tentação e essa tendência do filosófico a dizer a última palavra sobre a superfície do dizer. Sabe que o poético (*dichtung*) é da ordem do dom incondicional, o que o aproxima do pensamento de Jean-Luc Nancy, quando este diz que a poesia dá acesso, doa acesso, não institui um sentido fixo.

Nesse sentido, podemos ver, por exemplo, em *Schibbollet*, um enfrentamento dessa concorrência de discursos para se chegar à tradução do poema como abertura ao dom, no despojamento, na desposseção de dizer aquilo que é geral ou totalidade.

A ameaça é a desapareição no apagamento da cripta enquanto fechada para sempre no olvido, na amnésia sem resto, sem traço, sem rastro, na impossibilidade de se ler. E do ponto de vista do presente da data comemorativa o não retorno, a impossibilidade de se fazer a travessia

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

pensante, em si mesma celebratória. A ameaça da cripta absoluta em seu fechamento, em sua *clôture*, abole a tarefa da tradução.

Desse ângulo, a tradução comemora o retorno e a saída da cripta absoluta, na medida em que reinscreve a saída, atravessa o corpo do resto, pelo trabalho das mãos e pela possibilidade mesma do retorno, abre-se à chance, no uma só vez, cada vez.

A tradução como a chance de se confrontar com a ameaça e de comemorar o irrepitível em sua impossibilidade e tornar possível mais uma vez o irrepitível do “uma só vez”.

Trazer para perto, aquecer corpos e vidas na iminência do holocausto, do *devoir-cinza*, refazer a travessia do uma só vez do acontecimento e seguir. E seguir.

Referências

CELAN, Paul. *Cristal*. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Schibboleth*. Paris: Galilée, 1986.

TAMASSIA, Paolo. “Paul Celan, René Char, *Correspondance 1954-1968, suivie de la Correspondance René Char – Gisèle Celan-Lestrange (1969-1977)*”, *Studi Francesi*, n. 180, v. LX-III, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/studifrancesi/5425>.

Submissão: 15/03/2022

Aceite: 21/05/2022

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e87734>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*